

Fugindo da escola particular

DF - Reduzção

DIFICULDADES
FINANCEIRAS ESTÃO
LEVANDO PAIS
A COLOCAR SEUS
FILHOS NO ENSINO
PÚBLICO

GILSON LUIZ EUZÉBIO

O aperto financeiro está levando os pais a retirar os filhos das escolas particulares e colocá-los em escolas públicas. "A classe média está sufocada", afirma Cláudio Vieira, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Distrito Federal. A entidade, segundo ele, está orientando os donos de escolas a limitar os índices de aumento das mensalidades ao estritamente necessário para não perderem alunos.

"Tem que enxugar as despesas, gerenciar melhor, para oferecer bons cursos a preços compatíveis", diz Vieira. Os pais, lembra ele, estão numa situação complicada: têm salários defasados, o poder aquisitivo reduzido pelo aumento de preços, enquanto os professores das escolas públicas vivem em greve. "O pai é o que mais sofre nessa situação", comenta. Por isso, explica, o Sindicato quer que os donos das escolas "sejam o menos gananciosos possível".

Segundo o Ministério da Educação, o número de alunos matriculados no ensino fundamental nas escolas particulares do Distrito Federal caiu de 68.683, em 1996, para 66.118, neste ano. No Brasil, a queda foi de 3,7 mi-



ARQUIVO

CLÁUDIO Vieira (E) e Izalci Ferreira, representantes das escolas, querem reduzir preço das mensalidades

lhões para 3,1 milhões no mesmo período. Os dados do Ministério mostram que houve queda na quantidade de alunos matriculados no ensino fundamental também nas escolas públicas de Brasília, de 327 mil, em 1996, para 319 mil, neste ano. O problema concentra-se no Ensino Médio: em Brasília, o

número de alunos de segundo grau matriculados em escolas particulares caiu de 23.409 para 22.558, de 1999 para 2000. Em compensação, as escolas públicas receberam

8,1% mais estudantes.

A redução de alunos nas escolas particulares poderia ser maior, acredita Vieira. É que os pais se sacrificam pa-

ra colocar os filhos em escolas com melhor qualidade no segundo grau por causa do vestibular. "Os pais estão escaladados com as greves dos professores do ensino público", comenta.

Somente as escolas mais elitizadas têm conseguido aumentar o número de alunos, porque atendem a famílias que sentem menos o impacto do aumento do custo de vida.

Mas a concessão de rea-

justes salariais para algumas categorias de servidores públicos deve ter impacto positivo nas matrículas para o próximo ano, acredita Izalci Lucas Ferreira, presidente da Federação Interestadual dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Fiep). A Federação e o Sindicato prevêem um pequeno crescimento no número de matrículas para o próximo ano. Os números, porém, são diferentes dos registrados pelo Ministério da Educação, porque somente 180 das 400 escolas de Brasília são filiadas ao sindicato. Segundo Izalci Ferreira, além da perda de poder aquisitivo, outro motivo da queda no número de matrículas é que as famílias de maior poder aquisitivo têm cada vez menos filhos.

Ociosidade aumenta preço

Com a fuga dos alunos, as escolas particulares funcionam com 30% de ociosidade pela manhã e 40% à tarde, segundo a Fiep. "Isso afeta o preço das mensalidades", afirma Izalci Ferreira. Segundo ele, se as escolas particulares tivessem o mesmo número de alunos das escolas públicas, os valores das mensalidades poderiam ser reduzidos.

A dificuldade financeira, afirma ele, leva os pais a primeiro trocar os filhos por uma escola mais barata e depois para a escola pública. Mas é a queda na qualidade do ensino público, agravada pelas constantes greves dos professores, que mantém o negócio das escolas particulares. Neste ano, muitas escolas começaram a renovar as matrículas em outubro, quando o normal seria a partir de novembro, afirma Cláudio Vieira. "É um dado novo e pode ser por causa da greve", comenta.

As pessoas, diz ele, deveriam ter o direito de optar entre o ensino público, de boa qualidade, e o privado. Na prática, os pais não têm escolha. "Estamos pagando impostos para ter ensino de qualidade", afirma. Somente uma completa reformulação no sistema de ensino poderá resolver o problema, diz Izalci Ferreira. Na escola pública, o bom professor não é valorizado e mau profissional não é punido, comenta.